



Diálogos Públicos no Centro de Belo Horizonte: os Processos Comunicativos e a Diversidade de Tempos, Espaços e Práticas Culturais¹

Milene Migliano Gonzaga²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Apresentamos neste texto as chaves analíticas que serão utilizadas na abordagem das interações comunicativas que encontramos na cidade tais como inscrições, mensagens, reclamações, desenhos, stickers, stencils, pixações³, grafites e adesivos, os quais denominamos diálogos públicos. Eles emergem no Centro de BH, conformando práticas culturais, relações sociais e interações comunicativas urbanas. Buscamos entender como estas formas de se relacionar dos sujeitos comuns estabelecem laços de sociabilidade ao compartilharem suas experiências. Em meio da diversidade de pessoas e a complexidade das relações vividas na cidade, nos preocupamos em não congelar a dinâmica urbana. Propomos como operadores analíticos: modos de operar, espaços territorializados e tempos imbricados em cada/todo diálogo público.

Palavras-chave

Comunicação urbana; modos de operar; movimentos de territorialização; experiência.

Introdução

O Centro de Belo Horizonte se conforma com um lugar de grande fluxo de pessoas, serviços e funcionalidades, configurando-se como um ambiente complexo, um espaço público⁴ onde as trocas e encontros, presenciais ou por meio de suportes acontecem cotidianamente. Os sujeitos que vivenciam o centro da cidade ao caminhar, trabalhar, morar, estudar, se divertir, e estabelecer suas rotinas, encontram algumas formas de se organizar, relacionar e comunicar. É desta maneira que os indivíduos atribuem sentidos à cidade, mantendo-a viva, participando ativamente de suas dinâmicas no espaço planejado.

Alguns dos processos de produção e trocas de sentidos são encontrados na cidade sob a forma de perguntas, respostas, opiniões, comentários, exigências, apelos, e

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas, no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do curso Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da UFMG; pesquisadora do Centro de Convergência de Novas Mídias – UFMG. e.mail: milenemigliano@gmail.com

³ A utilização do termo pixações, ao invés do termo pichações, é uma escolha consciente, já que os pixadores se referem à prática com a letra x ao invés do ch.

⁴ Espaço público aqui é definido como o espaço de uso comum e compartilhado. No caso desta pesquisa, são as ruas e praças do Centro de Belo Horizonte.



várias outras interações comunicativas, as quais denominamos diálogos públicos. Tais processos incitam a participação de outrem, por meio de gestos significantes, como uma nova inscrição ou simplesmente a leitura dos textos, instaurando negociações constantes.

Dessa maneira, se os conflitos fazem parte do cotidiano dos sujeitos, o gesto de responder a uma provocação escrita em um suporte na cidade “não é mais cultura enquanto modo de ser, mas cultura enquanto comunicação” (BRAGA, 2001:35). A prática comunicativa pretende expressar idéias e envolver os outros sujeitos que passam pelo mesmo lugar, no debate sobre discussões de interesse público – é uma situação onde o movimento das experiências na cidade se materializa em uma parede, tapume ou portão.

Ao investigar os fenômenos comunicativos produzidos pelos sujeitos comuns que experimentam a cidade, percebemos que se instituem por meio de práticas culturais que se apropriam dos espaços urbanos e de suas estratégias, se constituindo como modalidades de experiências comunicativas dos sujeitos no centro da cidade.

Neste sentido, a cidade pode ser entendida como um suporte para a comunicação urbana, como um espaço público que é apropriado e usado para comunicação. Estas interações que se constituem no cotidiano e na cidade emergem estabelecendo articulações e conexões de sentidos, práticas culturais inerentes aos processos comunicativos. É objetivo da nossa pesquisa de mestrado, investigar como as conexões de sentido dispostas na cidade propiciam mudanças e transformações no saber o mundo de quem é acionado por estes gestos, de quem vivencia e experimenta as articulações pelas ruas. Como algumas práticas culturais se configuram como interações comunicativas e como podem se relacionar instaurando novas formas de sociabilidade e de comunicação na cidade?

Nosso olhar está direcionado para a busca da compreensão de como estas relações possibilitam trocas simbólicas, pois “tal[is] relação[ões] é[são] mediada[s] pelo texto, mas não se resume a ele” (FRANÇA, 2003:199) nos imaginários urbanos. Interessa saber como estas relações se estabelecem na cidade, ora consumindo estratégias, ora assimilando este consumo em novas maneiras capazes de conduzir um diálogo público da cidade, oferecendo condições à criação de outras formas de sociabilidade.

Em síntese, nossa pergunta de pesquisa é: como os diálogos públicos, que encontramos no Centro de BH, se articulam ao contexto cultural, se utilizam das



práticas existentes e das relações com o espaço acessando estratégias e os recursos disponíveis, e neste movimento, propiciam o desenvolvimento de outras sociabilidades urbanas?

Nosso recorte empírico para situarmos as indagações a respeito da relação da comunicação urbana com as práticas culturais, tempos e territórios são as interações comunicativas encontradas no centro de Belo Horizonte as quais denominamos diálogos públicos. Tais práticas comunicativas começaram a serem fotografadas no centro da cidade em um período em que as intervenções atuais de reforma urbana se estabeleceram como rotina tanto das ações municipais como estaduais, alterando a vida de todos que circulam pelo centro da cidade isto é, desde março de 2005, até hoje.

Diálogos públicos: formulação e recorte

A formulação do termo diálogos públicos, parte do entendimento que diálogo é uma prática comunicativa que pressupõe a interlocução entre ao menos dois sujeitos.

“A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade.”(LEFEBVRE, 2001:15)

Logo, os encontros que viemos mapeando e que se constituem como diálogos não se usam o acaso para estabelecer contato. Já que todos que caminham no espaço da cidade, realizando sua escrita da cidade, construindo enunciados, são alvo do texto, os diálogos estão na rua disponíveis a qualquer um que compartilha aquele espaço público. As ruas da cidade conformam o ambiente mais acessível em nossa atualidade, e é nesta condição de público que as interações comunicativas que registramos na cidade se colocam; por isso, diálogos públicos.

Durante o acompanhamento das transformações destas práticas comunicativas, percebemos que três lugares se estabeleceram como territórios de diálogos públicos, e são com os registros fotográficos destes três espaços que nos propomos a trabalhar: o conjunto arquitetônico da Praça da Estação, a Praça Sete de Setembro e a Rua da Bahia nas proximidades do Parque Municipal.

Na Praça da Estação, acompanhamos alguns diálogos públicos que se conformaram em um tapume de obras durante a transformação da Estação Central de Trens no Museu de Artes e Ofícios, nas escadarias que ligam a praça a Rua Sapucaí. As inscrições, colagens de cartazes e adesivos, pixações e pinturas, que se conectam e



relacionam entre si e a outros territórios, desde a primeira reivindicação neste espaço, compartilham sentidos e informações do estar na cidade e estabelecem um sentido de comunicação atento para as administrações e necessidades da cidade.

Na Praça Sete de Setembro, local planejado e apropriado para o encontro da diversidade, um sujeito recorta partes das notícias, das manchetes, das fotos e legendas, de jornais dos dias anteriores, e reorganiza os recortes em páginas de papel no tamanho A4, inserindo textos próprios e comentários; são as notificações. Depois, cola as notificações em paredes na praça, publicizando tácita e taticamente, suas idéias a respeito do mundo. Outros sujeitos intervêm nestes papéis, seja inscrevendo suas opiniões e críticas, seja rasgando as notificações, seja enaltecendo o trabalho do notificador, seja colando outros papéis, conformando as paredes da praça como um lugar de comunicação.

Na Rua da Bahia, entre a Avenida Afonso Pena e a Rua Tamóios, um portão desativado foi apropriado por sujeitos praticantes de intervenções urbanas denominadas *stickers*, que praticamente cobriram toda a superfície com as suas mensagens. Neste portão podemos observar conflitos de grupos, disputas por espaço e por qualidade dos trabalhos que se conectam e são atravessados pelos sentidos da cidade de Belo Horizonte. Os *stickers* transportam em seus desenhos, inscrições e iconografias, vários sentidos da experiência urbana, os quais são veiculados na internet, proporcionando a circulação e a colagem de seus sentidos para outras localidades.

Diante da diversidade e complexidade das interações comunicativas em circulação no Centro de Belo Horizonte, mobilizamos perspectivas teóricas que se conformaram como operadores conceituais: os modos de operar das práticas culturais, o espaço, pelo viés dos movimentos de territorialização e as temporalidades sociais. Em seguida vamos apresentar brevemente tais abordagens e as categorias analíticas que propusemos para desenvolvimento da análise, na busca do entendimento da articulação entre processos comunicativos e sociabilidade urbana.

Práticas culturais cotidianas como interações comunicativas

Belo Horizonte, metrópole contemporânea com seus 2,4 milhões de habitantes, é abordada aqui a partir das idéias de autores que tratam o espaço, atentando para o processo de seu uso e apropriação por parte dos indivíduos e também tendo como referência as abordagens dos movimentos de (des)territorialização – isto é, processos de re-significação do espaço urbano - engendrados pelos seus habitantes. Nestas



perspectivas, os processos de significação do espaço que acontecem a partir da interação social são fundamentais, pois é através deles que podemos ver como uma parte vital da cidade é construída: os espaços públicos compartilhados no cotidiano.

O espaço escolhido para coleta de dados para a pesquisa Cartografias de Sentidos⁵ foi o chamado Hipercentro⁶ de Belo Horizonte que é um ponto privilegiado para a expressão da heterogeneidade que caracteriza a cidade. A região central de Belo Horizonte conserva a especificidade da centralidade geográfica e simbólica na cidade. Para se chegar de um bairro ao outro precisamos passar pelo centro; é o único lugar onde podemos obter a prestação de alguns serviços e a venda de alguns produtos; é o espaço sempre escolhido pelas emissoras de televisão para realizar entrevista com o povo. Para aqueles que o atravessam em veículos motorizados, constitui-se como espaço dos engarrafamentos, cheio de obstáculos ao bom fluxo do trânsito da cidade. Para outros é espaço de moradia, trabalho, comércio, ponto de encontro entre amigos e amores, local para manifestações plurais. É no espaço do Centro que as pessoas, dos mais diferentes e distantes bairros, podem se encontrar e desenvolver atividades políticas, artísticas e culturais. Além disso, a área central de Belo Horizonte cada vez mais é representada como um lugar de passagem. As pessoas “descem” para a cidade – o Centro – para fazer compras, ou passam pela região apenas como um ponto do caminho para outros lugares. Poucos são aqueles que passeiam pelo Centro ou caminham nesta região dando maior atenção às suas características e particularidades. A sua dimensão como espaço público, de encontro, convívio social tem passado despercebida daqueles que pensam a cidade e principalmente daqueles que projetam e implementam políticas públicas.

As regras estabelecidas pelo planejamento governamental, que podem ser percebidas no traçado das cidades, tentam regular os usos dos equipamentos urbanos por meio das placas e sinais espalhados nas suas vias públicas, direcionando e sistematizando o espaço comum: nomeiam ruas e praças, indicam trajetos e informações sobre prédios públicos, sinalizam qual o lugar por onde os transeuntes podem atravessar as grandes avenidas, etc. Desta maneira, podemos abordar o centro da cidade de Belo Horizonte como um espaço estruturado, constituinte das relações sociais nele estabelecidas que integradas conformam um todo coerente, uma ordem social. Podemos

⁵ A Pesquisa Cartografias de Sentidos é desenvolvida por uma equipe transdisciplinar de pesquisadores vinculados ao Centro de Convergência de Novas Mídias da UFMG.

⁶ O Hipercentro está localizado na Região Centro Sul da cidade de BH e corresponde a uma unidade de planejamento municipal. Faremos as referências ao hipercentro utilizando também centro.



ainda acrescentar mais uma característica a estes elementos relacionados ao ordenamento e estruturação, a uma produção racionalizada frente aos espaços urbanos: são práticas que tem uma potência de planejamento, do lugar das estratégias, instituídas pelos poderes legitimados.

Mas em seu dia-a-dia, o centro de Belo Horizonte tem sua dinâmica atualizada e instaurada por sujeitos diversos. Nas manhãs os trabalhadores chegam ao centro para trabalhar, ou para ir até outro bairro, os estudantes passam para chegar aos colégios e universidades, as lojas se abrem com seus microfones anunciando produtos, as praças e espaços públicos são tomados por vendedores ambulantes, transeuntes procuram um lugar para descansar, os idosos conversam entre si, mendigos acordam para viver mais uma jornada.

As pessoas que circulam pelas ruas do centro tornam-se assim, sujeitos envolvidos em relações cotidianas complexas, pois envolvem o espaço urbano planejado, a diversidade dos tempos e práticas nos consumos da urbe e as inúmeras formas que encontram para se relacionar e intercomunicar. As relações sociais que se estabelecem no cotidiano podem promover impactos diretos e indiretos na ordem social, tal como a situação comercial de compra e venda de uma revista estar relacionada com situações econômicas mais amplas da realidade vigente.

A abordagem para os fenômenos sociais e culturais em Michel de Certeau (2004) direciona seu olhar para os fenômenos abordados no âmbito micro-sociológico. Ele se dispõe a analisar as relações sociais, partindo de um entendimento de cultura como as práticas vivenciadas no cotidiano. Nesse sentido, uma mudança na receita do bolo, um arranjo para manter uma planta em pé, ou a utilização de um grampo de cabelo como cliques de papel se configuram como práticas culturais tanto quanto a execução de uma ópera ou a utilização de uniformes na escola. As práticas e operações desviantes são abordadas como táticas capazes de re-configurar e se apropriar das estratégias utilizadas pela ordem social onde se conformam.

Dessa maneira, as práticas que os sujeitos da cidade realizam de modo a propor uma interlocução com o outro que compartilha e vivencia o mesmo espaço se configuram como um fenômeno comunicativo apropriado para compreender a vida social hoje. Lancemos mão da perspectiva frente aos procedimentos “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos” (CERTEAU, 2004:175) associando o conhecimento destas práticas à produção e trocas de saberes da vida cotidiana, articulando conhecimentos de ordem táticas, que se apropriam das estratégias a fim de chegar aos



seus objetivos. Esses modos operacionais se estabelecem sem um espaço programado, se instituindo a partir de suas necessidades e recursos disponíveis para chegar a uma solução viável para os problemas cotidianos.

Tal perspectiva nos permite esclarecer alguns fatos emergentes da complexidade e a diversidade das cidades relacionada aos estudos de comunicação urbana. Afinal, os sujeitos nas cidades articulam suas experiências na vida cotidiana nos espaços urbanos, produzindo sentidos em cada um de seus passos. Se entendermos que todos os sujeitos que compartilham a mesma cidade produzem sentidos baseados em sua experiência única, podemos começar a esboçar uma problemática advinda da complexidade de imaginários que compõem os ambientes urbanos. Certamente, tamanha diversidade também gera conflitos e negociações constantes, já que a “agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo” (SIMMEL, 1973:15) não se configuram como uma tarefa fácil de realizar, desde o século XIX.

Ao direcionar o olhar para a comunicação que se estabelece na cidade encontramos conflitos, negociações e às vezes até consensos, nas interações comunicativas. É na busca do entendimento destas relações imbricadas nos diálogos públicos que se conforma como nosso objetivo neste projeto de mestrado. Assim, é no olhar para as experiências e práticas dos homens ordinários, para as relações cotidianas estabelecidas nas ruas do espaço público, que podemos problematizar e construir caminhos para entendimento da ordem social em dimensões mais abrangentes.

É o caso do desenvolvimento de diálogos em um tapume de proteção das obras do Museu de Artes e Ofícios, nas escadarias que ligam o túnel da Praça da Estação e a Rua Sapucaí, no centro de Belo Horizonte. Este diálogo começou, em março de 2005, com a inscrição de uma pergunta: “quando este museu vai ficar pronto?”. A partir daí, várias respostas e novas perguntas foram inscritas e sobrepostas no mesmo tapume, utilizando desde pedras ou giz de cera, até canetas, lápis, spray e raspagem da madeira.

A evolução deste diálogo trouxe à tona questões relacionadas à legitimidade dos sujeitos na participação política da cidade, tanto quanto na denúncia de situações, quanto ao reclame de serviços públicos. Assim como as escadarias da Praça da Estação, diversos outros modos de se comunicar na cidade se apropriam de lugares específicos – muros, tapumes, caixas de eletricidade, placas de sinalização, praças e portões – instaurando outras formas de participar das dinâmicas da vida contemporânea.



A partir deste entendimento das interações comunicativas que se estabelecem no centro da cidade, propomos como primeira categoria analítica os modos de operar com seus dois operadores descritivos: táticas e estratégias.

Movimentos de (des)Territorialização: o Espaço como chave de análise

As relações de comunicação que são observadas no cotidiano se conformam como práticas culturais da cidade, nos movimentos de atribuição, circulação e consumo de sentidos da dinâmica social do centro. Entendemos que estes movimentos manifestam-se de maneira globalizada, são atravessados por processos mais amplos, que atingem e afetam todas as cidades e cidadãos do mundo, assim como a revolução tecnológica microeletrônica, a (des)territorialização, entre outros. Tais processos complexos e de grandes proporções, visto que atingem com as mesmas estratégias diversos lugares, economias, políticas e culturas ao mesmo tempo, se constituem por meio de ações e decisões de governos e empresas multinacionais, mas também podem ser modificados por ações de sujeitos culturalmente diversos no cotidiano.

Segundo Canclini (2005), as transformações recentes relacionadas à expansão das misturas e relações entre grupos culturais ultrapassam as ordenações vigentes nos países do mundo todo; os ordenamentos e recursos para as problemáticas da multiculturalidade de que dispunham os países não são mais suficientes. Nos últimos 15 anos, “as trocas econômicas e midiáticas globais, assim como o deslocamento de multidões aproximam zonas do mundo pouco ou mal preparadas para se encontrarem” (CANCLINI, 2005:16). Para se enfrentar estas mudanças é preciso antes de tudo entender que, de um mundo multicultural, onde a diversidade coexistia ordenada por políticas de afirmação e aceitação das diferenças, chegamos hoje a um mundo intercultural.

A interculturalidade remete a relações de confronto, de troca, de negociações, e a um tempo em que o Estado não dá mais conta de ordenar como as diversas culturas devem se relacionar dentro de suas fronteiras. Na dinâmica cotidiana das trocas midiáticas e urbanas, em suas conexões nacionais e internacionais que se conformam as novas formas de sociabilidade mundial.

“Todos – patrões e trabalhadores, nacionalistas e recém-chegados, proprietários, investidores e turistas – confrontamo-nos, diariamente, com uma interculturalidade de poucos limites, freqüentemente agressiva, que supera as instituições materiais e mentais destinadas a contê-la.”(CANCLINI, 2005: 17).



Podemos perceber na cidade contemporânea como os diversos sujeitos se relacionam às várias mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos na transmissão, gerenciamento e manipulação de informações e recursos financeiros, deslocamento de pessoas e conseqüentemente de culturas, instaurando um modo de viver globalizado. Mudanças que podem ser entendidas no âmbito espacial: o aumento da velocidade da vida cotidiana, múltiplas territorialidades⁷ coexistentes em um mesmo local, informações que não cessam de chegar de todo lugar a todo instante. Encontramos nas ruas da cidade uma grande variedade de *stickers*⁸ colados, fazendo parte de movimentos na internet que integram a troca de desenhos e inscrições, geralmente associados a uma idéia, seja ela referente ao consumo energético mundial, seja associada ao vegetarianismo. O uso da internet e das ruas da cidade ainda proporciona visibilidade aos modos de como os papéis são colados na cidade, já que nos *websites* os sujeitos postam imagens fotográficas dos seus *stickers* colados em paredes, telefones públicos, escadarias, grades de proteção de várias cidades do mundo, comunicando suas opiniões.

Assim, a diversidade ocupa, se apropria e se relaciona continuamente com a cidade saturada de mensagens, mas que não deixa de ser um espaço re-significado, um território. Em um território fixo, é configurada a potência de produção de inúmeras cidades simbólicas para cada sujeito, individual ou coletivo, que a experimenta. Neste fenômeno ocorrem diversas atribuições de sentido a um mesmo local, várias cidades coexistentes em um mesmo espaço, mas nem sempre em tempos diferentes, e é o que chamamos aqui de processos de territorialização.

“Devemos ressaltar que esse movimento característico dos espaços urbanos contemporâneos tem dinâmica multidimensional, potencializadora da diversidade e atravessada por contradições significativas entre o todo e a parte, o global e o local, o público e o privado. Contradições que são construídas em função dos arranjos e negociações que vão se estabelecendo no processo de usar este espaço em comum que é a rua de uma grande cidade.”(FONSECA, 2006: 2)

Neste sentido as relações de comunicação urbana nos abrem caminhos para pensarmos os problemas sociais e culturais de âmbito mais abrangente nas realidades dos países atualmente. As relações espaciais e temporais das dimensões do global e do local se anunciam intrinsecamente conectadas nos ambientes urbanos, assim como aos modos encontrados pelos sujeitos de participar da cidade.

⁷ Os territórios múltiplos são caracterizados por seu uso, apropriação e re-significação por diversos sujeitos produzindo diferentes sentidos e afetos sobre um mesmo espaço.

⁸ Do inglês, adesivos. São pequenos papéis produzidos e colados pelas ruas das cidades.

“A identificação dos elementos de mediação materiais ou interpessoais permite entender o processo de comunicação que ocorre nas cidades, mas a correlação desses dois modos de mediação permite entender os significados de uma cultura que encontra, na cidade, o lugar privilegiado de comunicação. Entretanto, a distinção concreta dessas mediações nos leva a enfrentar duas manifestações culturais e comunicativas: a comunicação formal da cultura material e a comunicação informal da cultura enquanto experiência.” (FERRARA, 139,2002)

A pluralidade dos territórios re-significados e as situações onde as experiências urbanas se instauram promovem a emergência de variados sentidos em cada sujeito, individual e coletivo, que experimenta a cidade. A diversidade está presente no cotidiano da cidade, nos imaginários urbanos, mas sua visibilidade ainda não tomou conta da nossa realidade empírica. Investigar e mapear como as situações de comunicação urbana dos sujeitos comuns ocorrem, a partir do que estamos aqui nomeando como diálogos públicos, nos levará a um entendimento mais complexo das potências da comunicação na sociabilidade urbana.

“La ciudad se aproxima a um patchwork en el que cada fragmento libera su sentido, en el que no predomina la diferencia, sino el contraste y la desigualdad.” (GORELIK, 2004:184).⁹

Entendendo que os movimentos de territorialização se estabelecem continuamente, definimo-los como uma categoria analítica e a partir dos movimentos de territorialização três operadores descritivos: o global, o local e a margem.

Temporalidades compartilhadas: relações sociais, culturais e de comunicação

No espaço urbano, as informações são disponibilizadas no suporte cidade, suas ruas, equipamentos, veículos, em suma, objetos materiais que permitem que uma escrita se constitua. Walter Benjamin já nos esclarecia em seus apontamentos sobre as cidades, principalmente em “Rua de Mão Única”, a potência do espaço urbano como um novo lugar cognitivo – “a escrita da cidade”; a cidade como suporte e conteúdo ao mesmo tempo. É importante ressaltar que a novidade da “escrita da cidade” a invoca não apenas como suporte material dos textos, mas também como forma significativa, como um lugar de imersão: o simples estar na cidade aciona nossa leitura e escrita, relações que estabelecemos continuamente, com o ambiente em que estamos.

⁹ “A cidade se aproxima de uma bricolagem em no qual cada fragmento libera seu sentido, no qual não predomina a diferença, sim o contraste e a desigualdade.” Tradução nossa.



Para se revelar como um texto legível, a cidade depende da apreensão de cada sujeito, pois “são textos triviais, percebidos na maioria das vezes, de passagem, de modo distraído” (BOLLE, 1994: 274) que articulados às experiências próprias conformam nossos afetos, entendimentos e conhecimentos a respeito dos espaços urbanos. Cada sujeito experimenta o espaço comum da cidade, acionando e acessando suas memórias, experiências, seu próprio corpo. Dessa maneira, a cidade é re-significada por cada sujeito que a experimenta, produzindo e reproduzindo diversos sentidos. Ao compartilhá-los com os outros habitantes que convivem neste espaço, a cidade se estabelece como um lugar possível de se realizarem trocas simbólicas.

Podemos abordar os diálogos constituídos na escrita da cidade como parte integrante de debates globais e locais, que ao estabelecer movimentos de discussão, confirmação, buscam apoio dos outros sujeitos que estão em convivência cotidiana, articulando diversas temporalidades sociais. A partir da apreensão e captura destes textos na cidade podemos propor análises que reconstituem e visibilizam problemáticas que vão além do que as inscrições nos dizem, se remetendo a outras temporalidades sociais, sejam estas já produzidas ou apenas almeçadas.

Podemos relacionar a discussão de Bakhtin acerca da necessidade da comunicação estar atrelada à complexidade dos contextos em que está estabelecida, à perspectiva de Benjamim que relaciona à experiência dos sujeitos à constituição dos sentidos dos espaços urbanos. Bakhtin propõe que a comunicação verbal não deve estar isolada de seus contextos cultural e histórico, “da comunicação global em perpétua evolução” (BAKHTIN, 1999:124). Mas como as práticas comunicativas se conectam a outros momentos e experiências na escrita da cidade?

A perspectiva teórica apresentada por Lepetit (2001), seguindo o historiador alemão Reinhart Koselleck, que relaciona as práticas e modos de fazer aos tempos históricos da vida social, nos traz uma outra maneira de se pensar a complexidade urbana e a articulação da experiência dos sujeitos individuais e coletivos. A articulação das experiências do tempo passado vem constituindo um espaço de experiência que é atualizado no tempo presente ao se realizar as práticas culturais. Assim, teríamos no passado uma constelação de possibilidades de escritura para o presente histórico, objetivando o horizonte de expectativa no tempo futuro em alguma medida já estabelecido.

Assim, ao materializar uma mensagem no presente instantâneo, os sujeitos estariam acessando o campo de experiências realizadas no tempo passado, a fim de



obter sucesso na comunicação pretendida, ou seja, para atingir seu horizonte de expectativa. Por exemplo, o bilhete colocado nos tapumes da Praça da Estação, de que os fotógrafos lambe-lambe estão trabalhando na Aarão Reis, tem relação com a atualidade histórica que foi colado, já que objetiva avisar os clientes em um presente histórico, quando por um motivo de reforma precisaram mudar seu ponto de trabalho. Esta relação instantânea é demandada para que a informação seja associada pelos sujeitos que estão no entorno da praça, para que eles possam dar notícia de onde os fotógrafos lambe-lambe estão para os outros clientes. Dessa forma fortalecem os laços de sociabilidade relacionados ao uso dos espaços da cidade como espaço de trabalho, atualizando no presente histórico algumas informações relacionadas à sua realidade social.

Ao utilizarmos a temporalidade social como um operador analítico, definimos os três tempos explicitados como operadores descritivos: o campo de experiência, o presente histórico e o horizonte de expectativa.

Próximos passos

A partir das perspectivas teóricas mobilizadas, acreditamos que poderemos construir a análise das práticas comunicativas que se estabelecem nos três lugares já mencionados. Nossa proposta é a de produzir uma tabela que agregará as informações colhidas a partir dos operadores descritivos propostos das três séries fotográficas (Praça da Estação, Praça Sete e Rua da Bahia) a serem analisadas. A partir dos dados compilados na tabela, produziremos uma filtragem dos sentidos que estão em movimento na cidade, a partir dos diálogos públicos.

Os operadores analíticos (modos de operar: táticas e estratégias; espaços territorializados: global, local e margem; e temporalidades sociais: presente histórico, campo de experiência e horizonte de expectativa) construídos contribuirão dessa forma, para que possamos organizar os sentidos compartilhados nas interações comunicativas dos sujeitos que experimentam e compartilham os espaços urbanos do centro da cidade. Como os sujeitos usam e se apropriam placas de trânsito, da praça pública, do muro e dos postes para postar seus avisos e como os produzem associados às memórias dos modos de se comunicar já estabelecidos culturalmente?

Enfim, pretendemos entender como esta ação comunicativa dos sujeitos urbanos acessa todas as maneiras já existentes para realizar o seu diálogo público, buscando as estratégias e os recursos disponíveis para concretizar seu horizonte de expectativa – a



relação urbana? E como estes movimentos propiciam o desenvolvimento de outras sociabilidades?

Referências Bibliográficas:

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público*. Campinas SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000

BRAGA, José Luiz. **Constituição do Campo da Comunicação**, in NETO, Antônio Fausto; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrrel; orgs. **Campo da Comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. I – Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000

_____. **Obras Escolhidas Vol. II - Rua de Mão Única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguais, Desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANÇA, V e MAIA, R. **A comunidade a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos**. In Lopes, M.M. **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 187-204.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Cidade: Fixos e Fluxos**. Bauru, 2005. Texto apresentado no Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização.



FONSECA, Cláudia Graça, et alli. **Diálogos da rua, os sentidos em produção no Hipercentro de Belo Horizonte**. In: Anais II Enecult, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2006.

GORELIK, Adrián. **Miradas sobre Buenos Aires: história cultural e crítica urbana**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores Argentina, 2004.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **Eloge aux errants: bref historique des errances urbaines** in Le passant ordinaire. Bordeaux, 2004.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Org. SALGUEIRO, Heliana Angotti. São Paulo: Edusp, 2001.

LEFEVBRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

SILVA, Armando. **Os imaginários urbanos na América Latina**. in: BRANDÃO, Carlos Rodrigues e MESQUITA, Zilá (org). **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editora Universidade/UFRGS/ Editora Universidade de Santa Cruz do Sul/ UNISC, 1995.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. in: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Monadologia e sociologia – e outros ensaios**. Org. VARGAS, Eduardo Viana. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2003.